

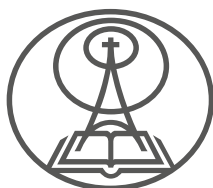
**William
MacDonald**

**CENTENAS DE AJUDAS
PRÁTICAS PARA OS
PRINCIPAIS ASSUNTOS
DA VIDA CRISTÃ**

O Manual do Discípulo



Chamada da Meia-Noite



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site
loja.chamada.com.br

O Manual do Discípulo

William MacDonald

Traduzido do original em inglês:

The Disciple's Manual

Gospel Folio Press

Grand Rapids-MI, USA.

ISBN 978-1882701865

Tradução: Giuliana Andréa Niedhardt Capella Santos

Revisão: Sérgio Homeni, Ione Haake,

Camila Zatti C. Reinke, Arthur Reinke

Edição: Arthur Reinke

Capa e Layout: Roberto Reinke

Passagens da Escritura segundo a versão Almeida Revisada e Atualizada SBB (ARA), exceto quando indicado em contrário: Nova Versão Internacional (NVI), Almeida Corrigida e Revisada Fiel (ACF), ou Almeida Revista e Corrigida (ARC).

Todos os direitos reservados para os países de língua portuguesa.

Copyright © 2012 Actual Edições

R. Erechim, 978 – B. Nonoai

90830-000 – PORTO ALEGRE – RS/Brasil

Fone (51) 3241-5050 – Fax: (51) 3249-7385

www.Chamada.com.br - pedidos@chamada.com.br

Composto e impresso em oficinas próprias

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO DA PUBLICAÇÃO (CIP)

M135m MacDonald, William
O manual do discípulo / William MacDonald ; tradução, Giuliana Andréa Niedhardt Capella Santos. – Porto Alegre : Actual Edições, c2012.
376 p. ; 15 x 22 cm.

Tradução de: The disciple's manual.

ISBN 978-85-7720-076-4

1. Cristianismo. 2. Ensino de Jesus. 3. Discípulo. I. Santos, Giuliana Andréa Niedhardt Capella. II. Título.

CDU 232.95

CDD 232.954

Índice

Prefácio: Uma Palavra de Explicação.....	7
--	---

Parte I: Discipulado Cristão

1. Ser um Discípulo	13
2. Os Ensinamentos Revolucionários de Jesus.....	17
3. Treinamento Radical: Parte 1	25
4. Treinamento Radical: Parte 2.....	31
5. Treinamento Radical: Parte 3.....	37
6. Tenha um Futuro Seguro	41
7. Ele Disse: “Renuncia a Tudo”	45
8. Não Negocie Com Deus	51
9. Faça Amigos Com o Seu Dinheiro.....	57
10. O Pecado Que Ninguém Confessa.....	63
11. Somente o Melhor Para Deus.....	69
12. Acuidade Visual	75

Parte II: Caráter Cristão

13. Procure Ser Como Jesus.....	83
14. Seja Conhecido Pelo Amor	97
15. Tenha Compaixão Pelos Outros	103
16. Seja Cheio do Espírito	105
17. Tome o Lugar Inferior.....	109
18. Quebranta-me, Senhor!	113
19. Mantenha-se Puro	127

Parte III: Vida Cristã

20. Comprometimento Total	135
21. É Possível Ter Certeza.....	151
22. Salvação Eterna	157
23. Seja Batizado.....	161
24. A Ceia do Senhor	165
25. Direção do Presente	167
26. Conheça Sua Bíblia	173
27. Estude Para Ser Aprovado	185
28. Orando Sempre	189
29. Seu Momento Diário Com Jesus	195
30. Seja um Adorador.....	199
31. Ame a Assembleia de Cristo	203
32. Obedeça às Regras das Boas Maneiras	217
33. Não Seja Ingênuo	223
34. Nunca Desista	229

35. Tenha Uma Consciência Desperta e Sensível	233
36. Viva Pacificamente Com Todos – Sempre Que Possível.....	237
37. Viva de Forma Sacrificial	243
38. Controle Sua Língua.....	247
39. Casamento	255
40. Filhos	259
41. Os Caminhos de Deus, Não os Nossos	263

Parte IV: Obra Cristã

42. Conheça Seus Dons.....	269
43. Seja Servo de Todos.....	273
44. O Desafio do Evangelismo Pessoal.....	275
45. Pregue ao Mundo – A Glória do Ministério.....	281
46. Acolha Anjos Sem o Saber.....	287
47. A Vida de Fé	293
48. Seja Zeloso Por Jesus.....	297
49. Evite a Exposição	301
50. Privilégios e Responsabilidades da Assembleia Local	305
51. Plantio de Assembleias.....	309
52. Crescimento da Igreja Por Meio do Evangelismo	313
53. Discipulado Pessoal.....	317
54. Treinamento de Líderes	319
55. Organizações Paralelas.....	323
56. Menor Pode Ser Melhor.....	327

Parte V: Conclusão

57. Conselhos Finais	335
----------------------------	-----

Anexos

A Apresente o Evangelho Sem Estragá-IO	341
B Evangelismo Pelo Estilo de Vida.....	347
C O Estilo de Vida do Discipulado.....	351
D Eu Gosto Das Assembleias	355
E Devemos Contratar um Pastor?.....	359
F Pensando Como Deus.....	363
G Literatura Cristã: Possibilidades e Limitações	367
NOTAS	371

Uma Palavra de Explicação

Treinamento no cargo

Seria fácil para um professor chegar à conclusão de que, se seu discípulo simplesmente lesse um livro como este, ele estaria treinado adequadamente. Errado! O material do manual é importante, mas não é o suficiente. Ele abrange alguns dos principais assuntos envolvidos no discipulado cristão, mas não lida com o conhecimento prático de como fazer a obra.

O discípulo deve ter um treinamento no cargo, bem como um aprendizado por meio de livros. Ele deve ser apresentado a várias ramificações da obra cristã. Isso não significa que ele fará todas aquelas coisas pelo resto de sua vida. No entanto, o ajudará a descobrir onde estão seus dons.

Esse foi o *modus operandi* do Senhor. Ele viveu com os Doze, ensinou-os por meio da Palavra e do exemplo e os enviou para a missão gloriosa. O método dEle deve ser o ideal. Se houvesse um jeito melhor, Ele o teria empregado.

A ideia de ser um mentor é intimidadora. Você fica vulnerável. Seu discípulo saberá como você realmente é: verrugas, rugas, tudo. Não se preocupe. Os jovens não esperam perfeição. Eles querem apenas sinceridade e transparência e o aceitarão como você é.

Quando um oficial da marinha conduz seus homens à batalha, ele não fica sentado enquanto eles atacam. Ele vai à frente deles em direção ao combate. Eles já aprenderam o básico e tiveram treinamento prático; agora, colocam-no em prática seguindo o exemplo do oficial.

Deixar de seguir esse exemplo é o motivo porque tantos programas de formação de discípulos oscilam ou falham. Os líderes não têm problema em encontrar professores da Bíblia para dirigir o aprendizado teórico. Porém, não encontram homens para serem modelos vivos.

Alguns professores podem objetar que não é possível fazer tudo o que é esperado de um discípulo a ponto de bala. Nesse caso, eles deveriam trazer homens que sejam especialistas em várias áreas. Isso exige um pouco de ponderação e planejamento, mas pode ser feito.

Por muito tempo, os mentores estiveram satisfeitos em passar toneladas de informações aos seus discípulos, mas os deixavam incapacitados para realizar a obra com tranquilidade e eficiência. Essa habilidade é adquirida passo a passo por meio de experiência prática.

Um formando de um dos programas bem sucedidos de discipulado da igreja escreveu do campo missionário: “Se não fosse pelo treinamento prático que recebi no programa, eu teria chegado aqui e me perguntado: ‘E agora, que faço?’”. Felizmente, quando chegou, ele sabia exatamente o que fazer. Foi capaz de se lançar na obra e vê-la prosperar em Deus.

Uma boa coisa para começar é um Momento Diário de Silêncio em que o mentor mostraria como lê a Palavra, recebe a mensagem do Senhor e ora com eficácia.

Depois, é desejável passar a ministérios que sejam relativamente não intimidadores. Um discípulo deve ver o professor distribuindo folhetos em caixas, pedágios e em qualquer lugar onde haja contato com outra pessoa. A partir de então, o discípulo deveria carregar alguns folhetos consigo e fazer o mesmo.

Todo aprendiz deve ser incentivado a ser um estudante sério da Palavra. Caso contrário, ele se apressará sem ter uma mensagem. Se ele desejar ter uma doutrina sólida e responder às críticas, precisa conhecer sua Bíblia. Por favor, Sr. Professor, mostre a ele como estudar a Palavra ou mande outra pessoa fazê-lo.

Quando o mentor falar em uma reunião, ele pode encorajar o aprendiz a dar seu testemunho. Todos temos de começar por algum lugar.

Se o discípulo for tímido, ele pode ser incumbido, todo domingo, de se apresentar para alguém na igreja local com quem nunca falou e iniciar uma conversa. Isso facilitará sua apresentação do Evangelho a estranhos fora da igreja local.

A seguir, ele deve ser treinado para preparar e transmitir uma mensagem evangelística. Espera-se que, no fim, seu mentor o incentive e lhe dê conselhos úteis sobre como melhorar.

Conforme for progredindo, o jovem crente deve desejar ter o privilégio de ensinar a uma classe da escola dominical ou a uma célula.

Pregar ao ar livre é um treinamento de valor inestimável. No começo, é extremamente intimidador, mas costuma-se ganhar um amor verdadeiro por esse tipo de evangelismo. Um grande benefício dele é que o indivíduo aprende a projetar sua voz. Se o público não conseguir

ouvi-lo, afasta-se. É necessário manter o interesse dele, pois não se trata de um público cativo.

Nós aprendemos muito sobre oração ao orar com outros. Este deveria ser um assunto básico no currículo do discípulo. O instrutor deve compartilhar sua vida de oração.

A visitação é importante. O mentor marca horários para ir a casas de repouso, hospitais e clínicas. Visitas a lares podem ter a finalidade de iniciar o contato com o Evangelho ou de edificar e consolar cristãos. O mentor fala e o aprendiz fica sentado escutando. Ele aprende como fazer a transição de uma conversa introdutória a questões espirituais pertinentes.

O ideal seria se o aprendiz pudesse participar de sessões em que seu mentor ou um ancião da igreja estivesse dando aconselhamento. A quantidade e a variedade de problemas para os quais as pessoas precisam de ajuda o surpreenderão. Além disso, ele ficará impressionado ao ver o conselheiro encontrar as respostas na Palavra. Pessoas com conhecimento profundo da Bíblia têm uma grande vantagem nesse caso.

Sempre que houver um casamento ou funeral, o aprendiz deve fazer anotações para caso lhe peçam que realize algum.

Talvez algum dia, o discípulo se torne um líder em uma igreja. Em vista disso, seria excelente que ele tivesse permissão, às vezes, para participar de momentos não confidenciais em reuniões de anciãos.

Meu desejo é que o mentor ofereça treinamento ao jovem de sua incumbência sobre como ser um líder de louvor e como presidir uma reunião. Isso poupará o público de exposições desajeitadas e completamente desprovidas de classe.

Deve-se ensinar um discípulo a observar as coisas a serem feitas no local de reunião e a fazê-las. Com frequência, há cadeiras a serem arrumadas, hinários a serem dispostos, mensagens a serem gravadas. Um aprendiz pode mostrar sua nobreza ao servir.

Até mesmo jovens podem ser treinados na hospitalidade. Eles podem ser encorajados a cumprimentar os visitantes e a planejar um convite a eles para uma refeição.

Eu gosto de ver jovens tendo eventuais atitudes de gentileza em nome de Jesus. É um hábito que pode ser desenvolvido.

Parte I

DISCIPULADO CRISTÃO

Ser um Discípulo¹

As palavras **discípulo** e **discipulado** não apenas são empregadas em excesso como também passaram a significar qualquer coisa que se queira. Elas nos lembram do uso da palavra **glória** por Humpty Dumpty. Quando Alice perguntou o que ele queria dizer com essa palavra, ele disse: “Quando uso uma palavra, ela significa exatamente aquilo que eu quero que signifique... nem mais nem menos”.

No entanto, se quisermos compreender o ensinamento de Jesus sobre discipulado, precisamos entender o que **Ele** quis dizer com o termo e não o que nós queremos dizer com ele. Nós precisamos estudar as descrições de discipulado presentes nos ensinamentos de Jesus e nos escritos de Seus apóstolos a fim de aprender qual ideia de discipulado Jesus estava apresentando.

Ao fazê-lo, descobrimos que um discípulo é um aluno, um aprendiz. Discipulado é o processo pelo qual um mestre ou professor treina um aluno em sua doutrina e prática. Ele é visto na maneira com que o Senhor Jesus designou doze discípulos: *“para estarem com ele e para os enviar a pregar”* (Mc 3.14). Esses homens viveram com o Salvador, ouviram Sua doutrina, observaram Seu estilo de vida e, então, saíram para propagar Sua mensagem. Foi um treinamento no cargo.

O discipulado também é visto nas instruções de Paulo a Timóteo: *“E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros”* (2 Tm 2.2).

Podemos ver, com facilidade, que há quatro gerações de crentes nesse versículo: Paulo, Timóteo, homens fiéis e idôneos. A expansão da fé cristã depende de um envolvimento ativo de cada crente neste processo de multiplicação.

Este método de treinamento deve ser o ideal. Se houvesse uma forma melhor de ensino, o Senhor Jesus a teria empregado.

O objetivo do discipulado é que o aprendiz se torne como o seu professor. *“Basta ao discípulo ser como o seu mestre e ao servo, como o seu senhor” (Mt 10.25).*

Um professor não pode levar seu aluno além do seu próprio nível de conquista. *“O discípulo não está acima do seu mestre; todo aquele, porém, que for bem instruído será como o seu mestre” (Lc 6.40).* “Você não pode ensinar o que não sabe. Você não pode guiar por onde não vai”.

Todo crente verdadeiro é um discípulo do Senhor Jesus Cristo. Além dos doze, havia muitos outros que seguiam a Jesus e que Ele considerava como discípulos. Dentre esses, há graus de discipulado. A fé e a obediência é que determinam. *“Faça-se-vos conforme a vossa fé” (Mt 9.29).* *“Se vós permanecerdes na minha palavra, sois verdadeiramente meus discípulos” (Jo 8.31).*

Até mesmo incrédulos são referidos como discípulos às vezes. Em João 2.23-24, lemos sobre algumas pessoas que criam em Seu nome, mas em quem Jesus não acreditava por saber que nunca haviam nascido de novo. Mais uma vez, em João 6.66: *“...muitos dos seus discípulos o abandonaram e já não andavam com ele”*. Ao abandonarem o Filho de Deus, eles mostraram que não pertenciam a Ele. O discipulado deles era somente supérfluo (veja Jo 8.31-33).

O Senhor Jesus é o verdadeiro Discípulo. Em Isaías 50.4-5, Ele diz: *“O SENHOR DEUS me deu língua de eruditos [a palavra eruditos é um sinônimo de discípulos], para que eu saiba dizer boa palavra ao cansado. Ele me desperta todas as manhãs, desperta-me o ouvido para que eu ouça como os eruditos [discípulos]”*.

Todas as manhãs, Ele ia perante o Seu Pai a fim de receber instruções para o dia.

A programação para o discípulo cristão encontra-se nas páginas da Bíblia. Para ser um discípulo maduro, é necessário conhecer a Bíblia e obedecê-la. Uma das ênfases mais importantes do Novo Testamento é sobre o desenvolvimento do caráter cristão.

- Mateus 5.1-12 descreve o caráter dos cidadãos do reino.
 - Em João 15.1-17, ele é chamado de vida que **permanece**.
 - Em Gálatas 5.22-23, é *“o fruto do Espírito”*.
 - Efésios 6.10-20 faz referência a ele como *“toda a armadura de Deus”*.
 - 2 Pedro 1.5-11 trata de algumas coisas essenciais de um bom caráter.
- Parece que o caráter é mais importante do que a obra.

O discipulado é mais do que simplesmente ler os capítulos de um livro como este. Ele é um treinamento no cargo. Significa passar tempo com o professor e engajar-se com ele em diversos tipos de obra cristã. No caso dos homens, pode ser se tornar ativamente envolvido em ministérios como pregação, ensinamento, evangelismo pessoal, evangelis-

mo ao ar livre, aconselhamento e visitação. No caso das mulheres, pode ser o ensinamento conforme Tito 2.3-5, aconselhamento e visitação. Conforme o discípulo se expõe a essas atividades, logo se torna capaz de identificar seu(s) dom(ns) e servir de maneira independente de seu mentor. Então, ele deve encontrar um ou mais jovens crentes que poderia discipular.

O instrutor deve ser amigo do aluno, mesmo que seu progresso seja lento. O mentor não deve ser rigoroso ou exigente demais. Ele deve ouvir com calma. Seria bom se pudesse se encontrar com seu pupilo em ocasiões sociais ou atléticas e estar pronto para encontros de última hora para ajudar em tempos de crise.

Em vez de seguir o mesmo programa padronizado para todos, o instrutor deve buscar no Espírito Santo a direção individual. O Espírito é soberano, Ele não age sempre da mesma maneira.

Nas páginas a seguir, você encontrará muitos assuntos que podem ser do seu interesse para ensinar a um jovem crente a quem você está servindo como mentor. Há muitos outros que você pode acrescentar à lista. Porém, estes servirão, ao menos, para o começo.

Os Ensinamentos Revolucionários de Jesus

O Senhor Jesus Cristo foi um revolucionário. No entanto, quando afirmamos isso, não queremos dizer que Ele foi um terrorista armado empenhado em destruir o governo. A revolução dEle foi de amor, não de ódio; de servidão, não de tirania; de salvação, não de destruição. Quando afirmamos que Jesus foi um revolucionário, queremos dizer que Seus ensinamentos foram os mais radicais que já passaram por este planeta.

Não há nada, em toda a literatura, como o Sermão do Monte. Nenhum outro grande líder jamais estabeleceu exigências tão rígidas para o discipulado como o Senhor Jesus. Nenhum outro ensinamento jamais produziu as mudanças espirituais, morais e éticas que a fé cristã produziu.

O problema é que nós ficamos tão acostumados com as palavras de Jesus que perdemos de vista seu significado revolucionário. É uma tragédia o fato de sermos capazes de lê-las e, ainda assim, nos sentirmos confortáveis. O propósito delas nunca foi que nos sentíssemos confortáveis. O objetivo delas é transformar nossa vida e nos enviar como luzes resplandecentes, como arautos de uma paixão flamejante.

Com frequência, pensamos que deve ter sido uma experiência maravilhosa viajar com Jesus enquanto Ele estava aqui na Terra. Nós O vemos, bem como Seus discípulos, passeando por aí, desfrutando de uma conferência bíblica ininterrupta, mas não foi assim. Foi mais uma experiência escaldante na qual os discípulos conheceram sua própria pecaminosidade e incapacidade e na qual foram chamados a um caminho de perseguição, sofrimento e morte.

Se lermos as declarações de Jesus e ainda assim nos sentirmos confortáveis, nós não as entendemos corretamente. Se as lemos e as

considermos fáceis, não captamos o essencial. As exigências de Jesus são humanamente impossíveis. O discipulado cristão só pode ser vivido pelo poder sobrenatural da presença do Espírito Santo.

O homem moderno desenvolveu a arte perigosa de roubar o verdadeiro significado dos ensinamentos radicais do Senhor Jesus, de modo que não sobre o suficiente nem para fazer uma sopa para um gafanhoto doente.

Em vez de tomarem Suas palavras literalmente, nós inventamos 60 maneiras teológicas de explicá-las. O resultado disso é que há uma grande diferença entre o Cristianismo que vemos hoje e o Cristianismo do Novo Testamento. Atualmente, significa ir à igreja quando for conveniente, colaborar com dinheiro e ceder as noites que sobram para Jesus. Esse é o verdadeiro Cristianismo? Não! O verdadeiro Cristianismo é uma vida de discipulado radical, de obras sacrificiais, de comprometimento absoluto com o Filho de Deus. Significa buscar, em primeiro lugar, o reino de Deus e a Sua justiça.

Em seu livro *Born After Midnight* [Nascido Depois da Meia-Noite], A. W. Tozer disse:

Cristo chama os homens para carregar uma cruz; nós os chamamos para se divertirem em Seu nome. Ele os chama para abandonar o mundo; nós os asseguramos de que, se somente aceitarem a Jesus, poderão tirar proveito do mundo. Ele os chama para sofrer; nós os chamamos para desfrutarem de todos os confortos burgueses que a civilização moderna oferece. Ele os chama para a abnegação e a morte. Nós os chamamos para se alastrarem como loureiros verdes ou talvez até mesmo para se tornarem estrelas em um zodíaco religioso deplorável e de quinta categoria. Ele os chama para a santidade; nós os chamamos para uma alegria barata e ordinária que teria sido rejeitada com desdém pelos menores filósofos estoicos.²

Em outro lugar, Tozer disse:

Nosso Senhor chamou os homens para seguirem-no, mas nunca fez com que o caminho parecesse fácil. Na verdade, temos a nítida impressão de que Ele fez com que parecesse extremamente difícil.

Por vezes, Ele disse coisas aos discípulos ou futuros discípulos que nós, hoje, discretamente evitamos repetir quando estamos tentando ganhar homens para Ele. Qual evangelista dos dias de hoje teria a coragem de dizer a um inquiridor *“Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Porquanto, quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á”*? E nós não damos uma grande explicação quando alguém

nos pergunta o que Jesus quis dizer quando afirmou: “*Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada*”.

Esse tipo de Cristianismo austero, rígido, é deixado para missionários e crentes escondidos pelo mundo. A massa de cristãos professos simplesmente não possui o músculo moral que os capacita a ir por um caminho tão franco e absoluto como esse. O ambiente moral contemporâneo não favorece uma fé tão dura e fibrosa como a fé ensinada por nosso Senhor e Seus apóstolos. Os santos delicados e inseguros produzidos hoje em dia em nossa estufa religiosa dificilmente podem ser comparados com os crentes comprometidos e dispostos a se sacrificar que testemunharam aos homens no passado. A culpa é dos nossos líderes: eles têm vergonha demais para dizer toda a verdade às pessoas. Agora eles estão pedindo aos homens que deem a Deus aquilo que não lhes custa nada. Nossas igrejas atualmente estão cheias, ou meio cheias, com uma frágil geração de cristãos que precisam ser alimentados com uma dieta de diversão inofensiva a fim de permanecerem interessados. Pouco sabem sobre teologia. Dificilmente algum deles já leu pelo menos um dos grandes clássicos cristãos. Por outro lado, a maioria está familiarizada com ficção religiosa e filmes arrepiantes. Não admira que sua constituição moral e espiritual seja tão frágil. Tais pessoas podem ser chamadas apenas de adeptos fracos de uma fé que nunca entenderam de fato.³

E. Stanley Jones disse algo parecido: “Os homens não rejeitam o Cristianismo; eles simplesmente o tornam inofensivo. Vacinam-se com um tipo brando de Cristianismo para que fiquem imunes ao que é de fato verdadeiro (do livro *Christ's Alternative to Communism* [A Alternativa de Cristo para o Comunismo])”.

O Senhor Jesus está procurando hoje pessoas dispostas a aceitar Seus ensinamentos literalmente e a obedecê-los, mesmo que não vejam mais ninguém os obedecendo. Ele está procurando homens e mulheres, rapazes e moças, cansados de viver egocentricamente, cientes de que as coisas materiais não trazem felicidade e de que os cristãos estão aqui por um motivo mais importante do que ganhar dinheiro. Ele está procurando discípulos que odeiam a tirania dos desfiles de moda, das feiras de alimento, dos turbilhões sociais e do culto à beleza do corpo. Infelizmente, é verdade que, com frequência, encontramos mais realidade no comunismo ou nas seitas em geral do que no Cristianismo. As pessoas estão dispostas a fazer mais por causas políticas e sociais do que nós estamos dispostos a fazer pelo Salvador do mundo. Mostra-se mais dedicação às falsas religiões do que nós mostramos para o Cristo de Deus. São mais motivadas pelo dinheiro do que nós somos pelo amor do Salvador.

Graças a Deus há fome, principalmente entre os jovens, por algo melhor. Recentemente, falei em uma reunião sobre alguns jovens comprometidos que estão encontrando satisfação ao sacrificar a vida com obras além-mar. Quando voltei para casa, recebi a seguinte carta de uma moça que estivera na reunião. O título era: **Realidade – Como encontrá-la?**

Durante os últimos dias, ouvimos sobre a coragem, a perseguição e a vida sacrificial de alguns jovens em países da Europa e da Ásia. Eles encontraram REALIDADE na vida cristã, algo que eu e dezenas de outros jovens temos procurado por muito tempo. Eu quero essa realidade mais do que qualquer coisa no mundo, mas estou presa, porque nós, jovens americanos, temos todo o luxo, todo o conforto, toda oportunidade de testemunhar e deixou de haver qualquer desafio – se você entende o que quero dizer – qualquer causa por se lutar. Eu quero desesperadamente jogar fora todas as coisas e ambições egoístas pela causa de Cristo, mas isso parece ser uma batalha perdida. Você sabe como é isso? É uma armadilha, uma armadilha eficaz armada pelo Diabo, da qual eu pareço não conseguir me desvencilhar. Estou cansada, cansada, cansada de viver para mim mesma. Eu quero e preciso de um desafio. Uma chance de esquecer-me e viver para o Senhor. Eu daria tudo pela chance de passar fome por causa de Deus, ser presa, perseguida, qualquer coisa. Porém, aqui, nos civilizados Estados Unidos, não há desafio nem oposição e, por isso, nós jovens não podemos deixar de ser complacentes e carnaís. Por favor, me ajude. Tem de ser tudo ou nada para Deus, pelo que entendo. Há uma resposta para isso?

Nós iniciamos dizendo que os ensinamentos do Senhor Jesus são revolucionários. Agora, vamos nos voltar para o Novo Testamento para ver quão revolucionários e radicais eles são realmente. Acho que, se pudéssemos ler o Novo Testamento pela primeira vez, perceberíamos como ele é um livro revolucionário.

Primeiro, o Senhor Jesus ensinou a Seus discípulos que eles deviam adotar um padrão de vida revolucionário. Em Lucas 14.33, Ele disse: *“Assim, pois, todo aquele que dentre vós não renuncia a tudo quanto tem não pode ser meu discípulo”*. Paulo ecoa essas palavras em 1 Timóteo 6.8, onde diz: *“Tendo sustento e com que nos vestir, estejamos contentes”*. O Salvador diz que devemos abandonar tudo o que temos. Paulo disse que devemos estar satisfeitos com alimento e vestimenta. Isso, sim, é um padrão de vida revolucionário. Isso aponta para uma vida de simplicidade. Aponta para um viver sacrificial.

Não somente isso, como o Senhor Jesus também ensinou o que devemos chamar de uma vida social revolucionária. Ele disse, em Lucas 14.12-14:

“Quando deres um jantar ou uma ceia, não convides os teus amigos, nem teus irmãos, nem teus parentes, nem vizinhos ricos; para não suceder que eles, por sua vez, te convidem e sejas recompensado. Antes, ao dares um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos; e serás bem-aventurado, pelo fato de não terem eles com que recompensar-te; a tua recompensa, porém, tu a receberás na ressurreição dos justos”.

Essas palavras do Senhor Jesus dão um golpe na política costumeira entre homens e mulheres, nos dias de hoje, de convidar pessoas para que sejam convidados por elas, uma espécie de reciprocidade. É isso que está por baixo da maior parte da sociedade moderna. Porém, o Senhor Jesus disse para você não fazer isso quando chamar visitas. Convide aqueles que não podem lhe retribuir e você será retribuído na ressurreição dos justos.

Então, o Senhor Jesus ensinou que nós devemos ter uma atitude revolucionária em relação aos nossos relacionamentos terrenos e a nossa própria vida. Ele disse, em Lucas 14.26: *“Se alguém vem a mim e não aborrece a seu pai e mãe e mulher e filhos e irmãos e irmãs e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo”.*

Quando, porém, diz *“não aborrece a seu pai e mãe e mulher e filhos e irmãos e irmãs”*, o Senhor não quis dizer que nós devemos ter animosidade ou um espírito amargo, mal-humorado, em relação a quem amamos. Ele quis dizer que Ele deve vir em primeiro lugar na vida e que todos os outros amores devem se assemelhar a ódio se forem comparados.

No entanto, eu acho que a parte mais revolucionária desse versículo é a expressão *“a sua própria vida”*. *“Se alguém vem a mim e não aborrece (...) a sua própria vida, não pode ser meu discípulo”*. Isso significa, naturalmente, que nós devemos colocar a causa de Cristo à frente da nossa própria vida. Devemos estar dispostos a submeter nosso corpo e alma para que Deus os lave. Em outro lugar, o Senhor Jesus diz que, se um homem amar sua vida, ele a perderá; mas, se odiá-la por Cristo e pelo Evangelho, a achará.

Em Mateus 6.33, o Salvador ensinou que o principal motivo da nossa existência é buscar primeiro o reino de Deus e a Sua justiça. Ele disse: *“buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça e todas estas coisas vos serão acrescentadas”*. Isso é revolucionário. As pessoas, em sua maioria, acham que nasceram neste mundo para ser encanadoras, eletricistas, médicas, professoras, enfermeiras ou algo do tipo, mas há uma diferença entre o nosso chamado e a nossa ocupação. O chamado do

filho de Deus é servir ao Senhor Jesus Cristo. Sua ocupação é meramente um meio para colocar pão e manteiga na mesa, mas não para enriquecer ou encontrar satisfação. Paulo era um fabricante de tendas, mas, no início de suas epístolas, nunca dizia: “Paulo, fabricante de tendas”. Ele sempre dizia: “*Paulo, apóstolo*”. Seu chamado na vida era para ser um apóstolo e ele fabricava tendas para suprir suas necessidades temporais.

Depois, em Mateus 19.19, o Senhor Jesus disse algo que algumas pessoas consideram como sendo Sua declaração mais revolucionária. Ele disse: “*amarás o teu próximo como a ti mesmo*”. Nós ficamos tão acostumados com essas palavras que elas não nos prendem e parecemos não perceber quão potentes elas realmente são. Pense sobre elas por um momento: “*amarás o teu próximo como a ti mesmo*”. Pense em como nos amamos, como nos servimos, como nos asseguramos de estarmos alimentados, de escovarmos os dentes, de cuidarmos do nosso corpo, de termos todas as Bíblias e as coisas boas da vida. Jesus disse: “*amarás o teu próximo como a ti mesmo*”. Quem é meu próximo? Qualquer um que esteja em necessidade. Se eu realmente amo meu próximo como a mim mesmo, não ficarei satisfeito até que os homens e mulheres do mundo todo sejam apresentados ao Senhor Jesus Cristo e tenham cópias da Palavra de Deus.

Nosso Senhor ensinou uma visão revolucionária de grandeza. Em Seu reino, grandeza significa manter e ensinar os Seus mandamentos (Mt 5.19b) ao servir, até mesmo com trabalho duro, aos outros (Mt 20.1-16; Lc 17.7-10; 22.26) e ao ser o menor de todos (Lc 9.48). Como essa visão é diferente da visão do mundo. Aqui, o maior é aquele que mostra autoridade, vocifera ordens e domina os outros.

Por fim, o Senhor Jesus ensinou uma visão revolucionária de segurança para o futuro. Mateus 6.19 diz:

“Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam”.

No versículo 25 do mesmo capítulo, Ele disse: “*não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento e o corpo, mais do que as vestes?*”. Aqui, o Senhor Jesus proibiu completamente Seus discípulos de gastarem a vida estocando para o inverno. Em outras palavras, Ele diz a eles: “Coloquem meus interesses em primeiro lugar. Trabalhem duro para suprir suas necessidades atuais e as necessidades de sua família. Depositem tudo o que passar disso na obra do Senhor e eu cuidarei do futuro de vocês. Eu os chamo para uma vida de fé, uma vida de confiança em Mim para o suprimento das suas necessidades. Se buscarem primeiro o reino de Deus e a Sua justiça, todas essas coisas serão providenciadas”.

Um último versículo é João 3.3. Jesus disse: *“Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus”*. Nicodemos, um líder religioso, foi até o Senhor Jesus de noite e Ele o defrontou com essa verdade revolucionária, dizendo: *“Nicodemos, você precisa nascer de novo se quiser ver o reino de Deus. O novo nascimento é uma necessidade absoluta”*. A propósito, é aí que a vida do discipulado começa. Você não se torna um cristão tendo uma vida de discipulado; você tem uma vida de discipulado após se tornar um cristão. Você se torna um cristão nascendo de novo.

Naturalmente, isso levanta uma questão: *“Como um homem pode nascer de novo?”*. A resposta é, em primeiro lugar, se arrependendo dos pecados. A fim de ser salva, a pessoa precisa admitir que é uma pecadora e que merece ir para o inferno. Depois disso, ela deve reconhecer que o Senhor Jesus morreu como Substituto dela na cruz do Calvário e que pagou o castigo pelo pecado dos pecadores. Então, por meio de um ato definitivo de fé, ela deve depositar sua confiança no Senhor Jesus Cristo. Nesse mesmo capítulo, o Senhor Jesus disse: *“Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16)*. A partir do momento em que você recebe o Salvador dos pecadores por meio desse ato definitivo de fé, pode saber, pela autoridade da Palavra de Deus, que é salvo, que nasceu de novo. Você gostaria de se iniciar como discípulo do Senhor Jesus? Então deposite sua fé nEle, confie nEle e vá contar Suas excelências a todo o mundo.

Nos capítulos a seguir, analisaremos alguns ensinamentos radicais do Senhor com mais detalhes.

Treinamento Radical: Parte 1

LUCAS 6.12-26

Em pouco tempo, o Senhor Jesus iria à cruz para morrer como substituto dos pecadores. Ele providenciaria uma forma de salvação disponível a toda a humanidade. Isso significa que deve haver uma proclamação global das boas novas. O mundo precisa ser evangelizado. Como isso poderia ser feito?

A estratégia do Salvador foi escolher doze homens, doutriná-los com os princípios do Seu reino e enviá-los como arautos flamejantes. Se Ele pudesse encontrar doze homens que O amassem de todo o coração, que nada temessem além do pecado e que O obedecessem cegamente, Ele poderia virar o mundo de cabeça para baixo.

Sua primeira atitude foi passar uma noite em oração na montanha. Imagine o santo Filho de Deus, prostrado no chão, buscando a vontade de Seu Pai. É quase certo que o assunto principal de Suas orações foi a escolha dos discípulos. Sempre dependente da direção de Deus, Ele encarou a escolha como uma questão de oração fervorosa e demorada. Isso nos mostra a prioridade que Ele dava à oração. Além disso, repreende a falta de oração de pessoas como nós que, raramente, se não nunca, passamos uma noite em oração.

No dia seguinte, Ele se encontrou com os Seus seguidores e selecionou os doze, que conhecemos como apóstolos. Sua escolha foi notável em diversos aspectos: o número selecionado, a idade deles, suas qualificações gerais e a inclusão de um traidor.

Primeiro, em relação ao número escolhido: não 12.000, 1.200 ou 120. Somente 12. Por que um grupo tão pequeno? Porque o discipulado só pode ter um prosseguimento efetivo em grupos pequenos. Além dis-

so, o número deve ser pequeno para que qualquer sucesso seja atribuído somente ao Senhor.

Os discípulos tinham, provavelmente, por volta dos vinte anos de idade na época. O Senhor tinha cerca de trinta anos e, normalmente, o professor é mais velho do que os alunos. Ademais, o Senhor sabia que a juventude era Sua melhor oportunidade para moldar, mudar e inflamar a alma humana.

A qualificação dos discípulos não impressionava. Eram homens comuns, simples e sem estudo nos conhecimentos mais avançados. Nenhum deles tinha credenciais teológicas. Nenhum deles era rico. Robert Coleman os descreve como “um conjunto bem grosseiro de almas em relação a qualquer padrão de cultura (...) representando um corte transversal da sociedade daquela época”. Podemos dizer que a única coisa maravilhosa neles, bem como em qualquer outra pessoa, era sua ligação com Jesus.

Há um mistério em relação à escolha de Judas Iscariotes. Certamente, o Senhor onisciente sabia que Judas O trairia e decidiu escolhê-lo mesmo assim. É melhor deixarmos o mistério como está.

Os discípulos receberam treinamento no cargo imediatamente. Eles observaram e ouviram o Senhor ensinar a multidão, curar os doentes e expulsar espíritos impuros. Eles não puderam deixar de se impressionar ao ver as pessoas se aproximarem para tocar o Mestre. Eles aprenderam que as pessoas sabem quando o poder de Deus está fluindo em um homem.

A mensagem do Salvador parece uma repetição parcial do Sermão do Monte em Mateus 5-7, mas não é a mesma. Essa mensagem foi pregada em uma planície ou em um local plano (v. 17), não em uma montanha. As bem-aventuranças são diferentes. Em Mateus, os abençoados são os pobres de espírito e os que têm fome e sede de justiça. Em Lucas, são os pobres e famintos fisicamente. Este sermão, direcionado em primeiro lugar aos discípulos (Lc 6.20), inclui quatro “ais”; já em Mateus, não há “ai” algum.

Primeiro, nosso Senhor diz aos Seus apóstolos que eles deveriam ser pobres. Sabemos que Ele quis dizer literalmente pobres e não pobres de espírito por causa do “ai” contrastante no versículo 24: “*Mas ai de vós, os ricos!*”. Ele não diz ricos de espírito, isso não faria sentido. Ele está se referindo à falta de riqueza ou abundância. No entanto, é uma bênção ser pobre? Pessoas por todo o mundo estão presos em uma pobreza extrema e, para eles, isso é uma maldição, não uma bênção. Em que sentido, então, os discípulos seriam abençoados sendo pobres? A solução encontra-se no final do versículo 22: “*por causa do Filho do Homem*”. Em vez de acumular fortunas pessoais para si, os

doze deveriam se empobrecer para que os outros pudessem ser enriquecidos espiritualmente.

Quando paramos para pensar nisso, chegamos à conclusão de que era mesmo adequado que eles fossem pobres. Eles eram os representantes dAquele que nascera em uma família judia pobre, de quem nunca se teve relatos de carregar dinheiro, que não tinha onde repousar a cabeça. Eles eram agentes dAquele que fora rico, mas que, voluntariamente, tornou-se pobre para que pudéssemos ser ricos. Eles eram emissários “da única vida perfeita que já passou por este mundo (...) da vida dAquele que nada possuiu e que nada deixou além das roupas que vestia” (Denney).

Seria contraditório se eles tivessem usado roupas caras, exibido penteados dispendiosos, ostentado montanhas de dinheiro e desfilado com joias valiosas. Isso teria dado uma impressão completamente errada dAquele que não se importava com nenhuma dessas coisas. E. S. Jones conta sobre uma vez que entrou em uma catedral ornamentada e viu uma estátua de Jesus bebê, a qual a igreja havia enfeitado com joias de valor inestimável. Então, saiu para a rua e viu os rostos das crianças magros de fome. Este pensamento passou pela sua cabeça: “Pergunto-me se o menino Jesus está aproveitando Suas joias”. Depois, disse: “Cheguei à conclusão que, se Ele estivesse, eu não poderia mais aproveitar Seus pensamentos”. Ainda assim, a igreja professa tem enfeitado Jesus com trajes caros de diversas maneiras apresentando-O ao mundo como um Homem de riquezas vivendo em luxo, em vez de um Homem de Deus vivendo em simplicidade.

Se os discípulos tivessem sido ricos, eles poderiam ter atraído inúmeros seguidores cujo único objetivo teria sido melhorar financeiramente. As pessoas são capazes de professar uma religião para obter um prato de arroz, mas sua maior necessidade é o arrependimento perante Deus e a fé genuína em Jesus Cristo como Senhor e Salvador.

Se os doze tivessem sido abastados, qualquer sucesso teria sido atribuído ao poder do dinheiro e não ao poder de Deus. Além disso, eles poderiam ter sido tentados a se envolver em projetos caros que poderiam não ter sido da vontade de Deus. A pobreza na obra cristã mantém os homens dependentes do Senhor e confiantes de que Ele pagará tudo o que pedir.

Duvido que os discípulos pudessem ter realizado tudo aquilo se não tivessem sido pobres. A riqueza teria sido uma responsabilidade, ao passo que a pobreza trabalhou para eles. Aqueles homens poderiam ter sido ricos, mas escolheram não ser ricos em um mundo onde milhares morreram de fome e onde o nome de Jesus ainda era desconhecido por multidões.

Os discípulos não apenas deveriam ser desprovidos de riquezas, como também deveriam conhecer a bênção de passar fome. A fome é

uma bênção? Sim, mas somente se for por causa do Filho do Homem. Os discípulos não foram chamados para ser “gourmet” experimentando comidas finas e se deleitando com vinhos de safra. Pelo contrário, eles deveriam viver de forma econômica, empregando ao máximo seus recursos na difusão do Evangelho.

Além disso, o ministério deles deveria ser de choro. No entanto, isso não se refere ao choro pandêmico de um mundo de sofrimento como o nosso. Trata-se de uma tristeza especial, um tipo de tristeza suportada por causa do Filho do Homem. Eles deveriam derramar lágrimas amargas pelas almas humanas que morriam. Eles deveriam lamentar pela condição dividida da Igreja. Eles deveriam se afligir com seus próprios pecados e imperfeições. Se eles chorassem, carregando sementes preciosas, voltariam regozijando-se, trazendo consigo seus feixes (veja Sl 126.6). “Para ganhar almas deve-se primeiro chorar pelas almas”.

Eles não deveriam apenas ser pobres, passar fome e chorar: eles também precisavam ser malquistos por causa do Filho do Homem. A associação fiel deles com Jesus lhes causaria ódio, exclusão, censura e calúnia. Não se preocupe! Isso seria motivo de grande júbilo. Eles estariam compartilhando as experiências dos santos profetas do Antigo Testamento e garantindo uma grande recompensa no céu.

Alguns podem ser tentados a perguntar: “O que é que Jesus poderia fazer com um exército de tolos de quatro categorias: pobres, famintos, chorosos e desprezados? A resposta é: Ele poderia virar o mundo de cabeça para baixo e Ele virou!

Como se estivesse prevendo que as gerações futuras de discípulos deixariam um estilo de vida sacrificial de abnegação e iriam atrás dos “luxos agradáveis e delicados que matam a alma”, o Senhor proferiu quatro “ais”.

“Mas ai de vós, os ricos!” Estes são os discípulos professos cujo lema é: “Nada é bom o bastante para o povo de Deus”. Eles citam 1 Timóteo 6.17b, “...*Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento*”, esquecendo-se que o aprazimento não se dá pela autoindulgência, mas, como diz o próximo versículo, por fazer o bem, ser rico em boas obras e repartir com os necessitados. Eles se recusam a ver quão pecaminoso é acumular riquezas quando ela poderia ser usada na evangelização dos perdidos. Eles se esquecem de que o santo Filho de Deus disse “*Quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas! Porque é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus*” (Lc 18.24b-25).

“Ai de vós, os que agora estais fartos!” Estes são os discípulos professos que vivem para agradar seus apetites. O ego é o centro e a circunferência da vida deles. Eles comem em restaurantes elegantes,

se empanurram em cruzeiros de lazer que levam a lugar nenhum e se regalam nos mais finos clubes e hotéis. A vida deles se resume em cozinha e sala de jantar. O fato de Lázaro estar faminto do lado de fora da porta não os preocupa nem um pouco.

“Ai de vós, os que agora rides!” O pecado deles não é apreciar uma boa piada, mas encarar tudo na vida como uma piada. Eles não parecem levar a sério as grandes questões do tempo e da eternidade, as almas que perecem, a humanidade em prantos ou o inferno eterno. Espiritualmente, são insignificantes. A vida é apenas uma vasilha de cerejas. A mente deles é vazia, a fala deles é vazia, a vida deles é vazia.

“Ai de vós, quando todos vos louvarem!” Eles dizem que são discípulos de Jesus, mas, na verdade, são escravos do “status”. Eles amam mais o louvor do homem do que o louvor de Deus. Evitam dizer a verdade de forma clara e destemida com receio de ofender. Estes homens são camaleões: adaptam a mensagem ao público. Eles conseguem falar com os dois cantos da boca ao mesmo tempo. Seguem a linha desprezível dos falsos profetas do Antigo Testamento.

Portanto, os discípulos precisam fazer uma escolha deliberada. De um lado, há pobreza, fome, lágrimas e desprezo por causa do Filho do Homem. Do outro, há riquezas, comida abundante, diversão e aprovação do homem. Aqueles que escolhem a segunda opção recebem sua recompensa agora e o remorso depois. Aqueles que escolhem a primeira opção herdam o reino com todas as alegrias que o acompanham.

Treinamento Radical: Parte 2

LUCAS 6.27-38

Quando os discípulos entram na batalha, é obrigatório que tenham consigo uma arma adequada. Portanto, o Salvador revela uma arma secreta do arsenal de Deus: o amor. A revolução dEle não é de ódio, mas de amor; não é de violência, mas de bondade.

Este amor é diferente de tudo o que o mundo conhece. É um amor sobrenatural, transcendental. Não é mero afeto humano (que os incrédulos são capazes de ter). É algo que somente aqueles que possuem a vida divina podem demonstrar e mesmo os crentes não podem demonstrá-lo por meio de sua própria força. Ele só pode ser demonstrado pelo poder da presença do Espírito Santo.

Este amor é mais uma questão de vontade do que de emoções, apesar de elas também estarem envolvidas, naturalmente. Não é algo que se contrai, como um resfriado comum, mas algo que se cultiva sentado aos pés de Jesus. Não é proveniente de Hollywood, mas do céu. Enquanto a concupiscência mal pode esperar para receber, o amor mal pode esperar para dar.

Pessoas não convertidas são tomadas completamente de surpresa quando encontram este tipo de amor. Elas ficam perplexas. Elas sabem como reagir ao afeto humano e podem certamente revidar quando se deparam com a hostilidade. Porém, quando suas grosserias são pagas com bondade, elas não sabem o que pensar, dizer ou fazer.

Essa é a ideia. Os discípulos jamais impactarão o mundo se não estiverem acima da carne e do sangue. Eles precisam surpreender os homens e as mulheres com uma grande explosão de amor.

Nos versículos 27 ao 31, o Salvador fala sobre como o amor trata o próximo. Por exemplo, ele se estende aos inimigos, não apenas aos amigos. Isso não é natural. Amar o inimigo vai contra a natureza humana, bem como pagar o ódio com atitudes de bondade, pedir a bênção de Deus sobre aqueles que nos amaldiçoam e orar por aqueles que nos maltratam. No entanto, “Foi esse o caminho do Mestre. Por acaso Seus servos não deveriam trilhá-lo?”.

Há realmente um impacto nos homens quando os cristãos amam seus inimigos e oram pelos seus perseguidores? Permita-me contar uma história.

Mitsuo Fuchida foi o piloto japonês que liderou o ataque em Pearl Harbor em dezembro de 1941. Foi ele quem mandou a mensagem de rádio “*Tora, Tora, Tora*” para Tóquio, anunciando o sucesso absoluto da missão. Ele ficou entusiasmado com a vitória até que a maré da guerra mudou. No fim, seu país teve de se render.

Então, aniquilado pela derrota, Fuchida determinou que os vitoriosos deveriam ser sentenciados por crimes de guerra perante um tribunal internacional. A fim de coletar provas, ele entrevistou militares japoneses que foram prisioneiros de guerra nos Estados Unidos. No entanto, em vez de ouvir sobre atrocidades, ele ouviu, repetidas vezes, sobre uma mulher cristã que visitara o acampamento dos prisioneiros de guerra, demonstrara bondade para com eles e dera-lhes um livro cristão chamado Novo Testamento. Quando questionada sobre o motivo de estar sendo tão boa para com prisioneiros inimigos, ela lhes disse que seus pais haviam sido missionários nas Filipinas e executados pelos japoneses. Antes de morrerem, no entanto, eles fizeram uma oração específica e foi por causa dela que essa mulher decidira amar e cuidar dos prisioneiros japoneses necessitados.

Mitsuo Fuchida não conseguia tirar da cabeça a história daquela oração misteriosa. Ela o importunava continuamente. Então, ele encontrou uma cópia do Novo Testamento e começou a ler. Quando chegou em Lucas 23.34, soube, de imediato, que descobrira a oração: “*Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*”. “Ele deixou de pensar na americana ou nos prisioneiros de guerra japoneses e passou a pensar nele mesmo, um inimigo feroz de Cristo, a quem Deus estava pronto para perdoar em resposta à oração do Salvador crucificado. Naquele mesmo momento, ele buscou e encontrou o perdão e a vida eterna pela fé em Cristo”. Mitsuo Fuchida passou o resto de sua vida pregando sobre as riquezas insondáveis de Cristo por todo o mundo.⁴

O amor não revida nem paga na mesma moeda. Em vez disso, ele oferece a outra face. “Ao oferecer a outra face, você desarma seu inimigo. Ele atinge sua face e você, pela sua audácia moral, atinge o coração

dele ao oferecer a outra face. Sua inimizade é dissolvida. Seu inimigo foi embora. Você se livrou de seu inimigo ao se livrar de sua inimizade (...). O mundo está aos pés do Homem que tinha o poder de revidar e que também tinha o poder de não revidar. Isso é poder. Isso é poder definitivo” (E. Stanley Jones).

O amor é tão desapegado de bens materiais que dá, com alegria, mais do que é pedido. O motivo por que é tão difícil seguirmos esse exemplo é o fato de termos muitas coisas e estarmos muito apegados a elas.

O amor se manifesta em dar.

O amor sempre perdoa, resiste, dá,
E sempre de mãos abertas está;
E enquanto ele vive, ele dá,
Pois essa é a prerrogativa do amor:
Dar, dar e dar.

Os discípulos precisam saber, no início, que seu ministério deve ser um ministério de concessão. A pergunta não é “O que vou ganhar com isso?”, mas “Como posso dar ainda mais?”. Eles não devem esperar estar no pólo recebedor, mas no pólo doador. Eles verão, constantemente, verdadeiros casos de necessidade e, apesar de serem pobres, serão capacitados para contribuir. A única ocasião em que eles não devem dar é se isso prejudicar alguém, ora subsidiando a preguiça, ora financiando um mau hábito. Em caso de dúvida, o discípulo deve errar para o lado da graça.

A regra básica é que os seguidores de Cristo devem tratar o próximo como gostam de ser tratados. Isso significa que eles devem ser amáveis, generosos, pacientes, altruístas, imparciais, perdoadores, prestativos – a lista é infinita.

Então, Jesus prossegue enfatizando que o nosso comportamento deve ser superior ao dos homens não regenerados (Lc 6.32-35). Não basta amarmos as pessoas com quem nos relacionamos e nossos amigos. Até os bandidos fazem isso. Não basta sermos bondosos com aqueles que nos tratam com bondade. Assassinos e adúlteros são capazes disso. Não basta emprestar com esperança de devolução. A empresa local de crédito faz isso. Nós devemos ir além do que é meramente humano e estar naquilo que manifesta a vida divina, se quisermos impactar o mundo. Podemos fazer isso amando os desagradáveis, os perversos e os ingratos, fazendo o bem àqueles que não o merecem e emprestando sem esperar devolução. Deus recompensará essa qualidade de discipulado graciosamente e nós seremos os filhos do Altíssimo. Não é assim, entretanto, que nos tornamos filhos do Altíssimo. A única maneira de fazer isso é por meio

do arrependimento perante Deus e a fé no Senhor Jesus Cristo, mas isso é como nós mostramos ao mundo que somos filhos de Deus. Nós demonstramos os traços familiares sendo gentis com os ingratos e com os maus.

Ao servir ao Senhor, os doze encontrariam todos os tipos de necessidade humana: doença, cegueira, surdez, velhice, desobediência, loucura, possessão demoníaca, solidão, pobreza e falta de abrigo. Haveria momentos em que eles seriam tentados a ficar impacientes, em que ficariam fisicamente cansados e emocionalmente exaustos e em que teriam vontade de xingar as pessoas infelizes. Jesus lembrou a eles de que deveriam ser misericordiosos, assim como seu Pai celestial.

“Não julgueis e não sereis julgados”. Muitas pessoas que desconhecem o resto da Bíblia sabem deste versículo e o utilizam como um porrete para silenciar qualquer crítica ou correção. Se eles estudassem o restante da Bíblia, aprenderiam que há momentos em que precisamos julgar e que há momentos em que não devemos julgar.

Por exemplo, devemos julgar professores e sua doutrina pela Palavra (1 Co 14.29). Devemos julgar se os outros são crentes verdadeiros; caso contrário, não poderíamos obedecer à proibição contra nos colocar em jugo desigual (2 Co 6.14). Devemos julgar contendas entre crentes (1 Co 6.1-6). Devemos julgar o pecado em nossa própria vida (1 Co 11.31). A igreja local deve julgar tipos extremos de pecado (1 Co 5.12) e se os homens estão qualificados para serem presbíteros e diáconos (1 Tm 3.1-13).

Porém, há outras áreas em que não devemos julgar. Não devemos julgar as motivações dos outros, porque somente Deus sabe o que se passa pela mente deles. Não devemos julgar a obra dos servos do Senhor (1 Co 4.5). Há somente Um que sabe se eles estão construindo com ouro, prata, pedras preciosas ou com madeira, feno e palha (1 Co 3.12). Não devemos julgar aqueles que diferem de nós em questões moralmente insignificantes ou não essenciais (Rm 14.3-4,13). Por fim, não devemos julgar pela aparência exterior (Jo 7.24) ou fazer acepção de pessoas (Tg 2.1-4).

“Não condenais e não sereis condenados”. Daria uma falsa visão do Salvador se Seus discípulos vivessem condenando os outros. Jesus não veio para condenar, mas para salvar. Seus seguidores não devem ficar criticando, censurando e procurando defeitos. Claro, eles devem argumentar com seriedade a favor da fé, mas isso não exige um ministério constantemente negativo. Aqueles que estão sempre condenando os outros atraem pessoas como eles mesmos e uma congregação dessa está, inevitavelmente, fadada à divisão!

“Perdoai e sereis perdoados”. Este é um perdão parental e deve ser distinguido do perdão judicial. Quando um pecador confia no Salvador,

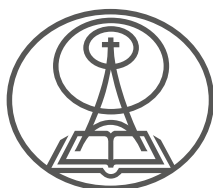
ele recebe o perdão judicial. Ou seja, Deus, o Juiz, o livra de ter de pagar a multa pelos seus pecados. No entanto, quando um cristão peca, ele precisa de perdão parental. Ele o recebe quando confessa seu pecado (1 Jo 1.9). Esse perdão é condicional. Deus não concederá o perdão que restaura a comunhão familiar se o crente se recusar a perdoar um irmão arrependido. Todo filho de Deus teve milhões perdoados. Ele deve estar disposto a perdoar alguns centavos (Mt 18.23-35).

Uma lição inicial a ser aprendida pelos discípulos é que eles não podem dar mais do que o Senhor. Se realmente quiserem ser generosos, Deus se assegurará de que nunca lhes falem meios para sê-lo. Quando tiram terra, Deus coloca terra (e Ele tem uma pá maior). Perceba como isso é diferente da prática comum de usar o ministério como meio de segurança financeira. O modo de agir das Escrituras não é “Tire tudo o que puder disso”, mas “Coloque tudo o que puder nisso”.

Quando tudo mais falha, o amor vence. Em uma das fábulas de Esopo, o sol fez uma competição com o vento para ver quem podia fazer o homem tirar o sobretudo. Quanto mais o vento soprava, mais o homem fechava o sobretudo. Quando o sol brilhou, ele parou de tremer e tirou o casaco. O calor venceu.

Um menino estava brincando em um buraco onde havia um eco bem forte. Ele gritava “Eu te odeio” e as palavras ressoavam “Eu te odeio”. A cada vez, ele gritava mais alto e as palavras voltavam também com um volume maior. Ele correu chorando para sua mãe, explicando: “Tem um menino na vizinhança que me odeia”. A mãe, sabiamente, sugeriu que ele dissesse ao menino que o amava. Dito e feito. Toda vez que ele gritava “Eu te amo”, ouvia o agradável eco “Eu te amo”.

O mundo é capaz de qualquer coisa por um pouco de amor. Cristo chama Seus discípulos para irem adiante com o amor de Deus derramado em seu coração.



chamada

ESTA É UMA AMOSTRA

Compre este livro em nosso site
loja.chamada.com.br



William MacDonald

Cristianismo puro, concentrado.

Todo discípulo é chamado a algo bastante radical. Por mais de meio século, o coração do autor deste livro tem batido pela prática e proclamação do discipulado bíblico. Aqui está concentrado o ministério dessa vida em forma de livro para você.

Centenas de ajudas práticas para os principais assuntos:

- Os Ensinos Revolucionários de Jesus
- Ele Disse: *"renuncia a tudo"*
- O Pecado que Ninguém Confessa
- O Desafio do Evangelismo Pessoal
- Mantenha-se Puro
- Seu Momento Diário com Jesus
- Discipulado Pessoal... e muito mais.

William MacDonald (07/01/1917 – 25/12/2007) viveu na Califórnia-EUA, onde desenvolveu seu ministério. Sua ênfase era de ressaltar, com clareza e objetividade, os ensinamentos bíblicos para a vida cristã, tanto nas suas pregações como através dos mais de oitenta livros que escreveu. No Brasil, uma de suas obras mais conhecidas é o "Comentário Bíblico Popular", além de "O Discipulado Verdadeiro", considerado um clássico cristão.



ACTUAL
EDIÇÕES

Caixa Postal 1688
90001-970 • Porto Alegre/RS • BRASIL
Fone: (51) 3241.5050 • Fax: (51) 3249.7385
www.chamada.com.br • pedidos@chamada.com.br

ISBN 978-85-7720-076-4

